

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

Na teia dos sentidos

**A intuição e a intencionalidade de pais e educadores na
transmissão dos contos populares**

Magda Filipa Nunes dos Santos Cardoso

Relatório Final realizado no âmbito da
Área Científica de Prática de Ensino Supervisionada
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Lisboa

Julho de 2013

Epígrafe

"Através dos contos de fadas é possível adentrar no mundo misterioso do inconsciente, condição básica para se conhecer o significado profundo da vida" (Villella, 2002).

Dedicatória

*Ao meu Deus, ao Senhor da minha vida, à quele
que um dia me escolheu para ser chamada sua
filha.*

Agradecimentos

Neste percurso da minha vida, muitos foram aqueles que me sustentaram com os seus braços de amor, com as suas palavras de encorajamento e, sobretudo, com o seu carinho. Nos momentos mais difíceis que antecederam a concretização e finalização do relatório, tive pessoas próximas que me animaram quando passei por situações pessoais difíceis de superar. Assim, em forma de agradecimento, começo por agradecer a alguém que não vejo, mas que sinto, pela forma como tem cuidado de mim e da minha família, neste período em que tive necessidade de trocar prioridades. Deus, o bem mais precioso, pois permite que na minha vida, os meus sonhos e desejos se tornem realidade.

Às minhas filhas lindas que, muitas vezes, foram privadas de momentos em família, que viram e acompanharam momentos de grande ansiedade por parte da sua mãe.

À minha família que sempre esteve presente para me ajudar e me acarinha, em especial à minha mãe pelo seu cuidado extremo neste período da minha vida.

Às minhas colegas, especialmente à Dina que sempre me deu a coragem e força para continuar.

Por último, agradeço a disponibilidade da Professora Joaquina Duarte. É difícil arranjar palavras para conseguir descrever o seu lado humano, pois esteve sempre pronta para me auxiliar, compreendendo e aceitando as minhas dificuldades e limitações. Não deixo de dar uma palavra de apreço à minha orientadora de estágio Professora Tereza Meireles, e uma outra muito especial para uma pessoa que foi incansável ao longo destes quatro anos, a Professora Helena Mora, a ela o meu muito obrigada.

Muito obrigada a todos.

Resumo

Este relatório final teve como ponto de partida o trabalho desenvolvido ao longo do estágio da unidade curricular: Prática de Ensino Supervisionado e, foi realizado com um total de quinze crianças na valência de creche, numa IPSS - instituição de solidariedade social, visando a concretização do grau de mestre em educação pré-escolar.

Teve como objetivo, perceber de que modo os sentires intuitivos e intencionais na transmissão dos contos populares são influencia nas relações afetivas das crianças entre os dois e os três anos de idade.

Como forma de obtenção desses dados, foi necessário recorrer a uma abordagem qualitativa e interpretativa, permitindo assim, que o investigador tivesse uma visão mais alargada das respostas que foi obtendo. No processo de recolha de dados, privilegiou-se os saberes de pais e educadores como adultos de referência para as crianças, bem como registos realizados com as crianças observadas, e ainda, observação de documentos institucionais que permitiu um conhecimento mais alargado do grupo e do contexto pedagógico onde se inserem.

A análise dos dados evidenciou que os educadores, dão maior importância à intencionalidade na transmissão dos contos populares e pouca atenção à intuição. Já os pais, pelo contrário, fazem essa transmissão de uma forma intuitiva e pouco intencional. Foi verificado também que os contos são uma ferramenta preciosa nas relações afetivas que a criança estabelece com os adultos e com os pares. Os contos populares assumem também o papel de facilitadores da aprendizagem e auxiliares no desenvolvimento da criança.

Abstrat

This final report had as starting point the work done over the stage of the course: Supervised Teaching Practice and was conducted with a total of fifteen children in a daycare valence, an IPSS - registered charity, aiming at the implementation of the master's degree in preschool education.

It aimed to understand how the intuitive feel and intentional transmission of folktales are an influence in the affective relationships of children between two and three years of age.

As a way of obtaining these data, it was necessary to use a qualitative and interpretative approach, thereby allowing the researcher to have a broader view of the responses that were being obtained. In the process of data collection, the focus remained on the knowledge of parents and educators as adult references for children, as well as records made with the children observed, and by observing institutional documents that allowed a wider knowledge of the group and the pedagogical context in which they operate.

Data analysis showed that educators give greater importance to intentionality in the transmission of folktales and little attention to intuition. The parents, by contrast, make this transmission feel intuitive and somewhat intentional. It was also noticed that the stories are a valuable tool in the emotional relationships that children establish with adults and with peers. Folktales assume also the role of learning facilitators and helpers in the child development.

Índice

Índice de Tabelas	3
Introdução.....	4
Capítulo 1 - Quadro teórico	8
1. Da Literatura Tradicional de Transmissão Oral ao Conto Popular	8
1.1. Classificação dos contos	9
Contos propriamente ditos	11
<i>Contos maravilhosos</i>	11
<i>Contos religiosos</i>	11
<i>Conto novelescos</i>	12
<i>Contos do ogre estúpido</i>	12
<i>Contos jocosos ou divertidos</i>	13
<i>Contos de animais</i>	13
<i>Contos de fórmula</i>	14
2. O valor pedagógico do conto popular.....	14
3. O valor simbólico do conto popular	16
4. A Intuição e a Intencionalidade do conto popular.....	19
5. Os contos e o gosto pela leitura.....	20
6. O papel dos contos na relação afetiva	21
7. O contributo dos pais na transmissão do conto popular	23
7. O contributo dos pais na transmissão do conto popular	23
8. Caracterização da criança dos 2/3 anos	25
II Capítulo - Metodologia de pesquisa	28
10. Uma abordagem qualitativa interpretativa	28
11. Instrumento de recolha de dados	29
11.1. Entrevistas semiestruturadas.....	29

11.2 Notas de campo - Observação direta e participante	30
11.3 Pesquisa documental	31
12. Procedimentos	31
13. Cronograma.....	32
14. Contexto em estudo (escola e grupo).....	33
III Capítulo: Análise interpretativa dos dados.....	34
15. Significados.....	36
16. Entrelaçando Conhecimentos.....	40
17. Conclusão da análise dos dados	42
Considerações Finais.....	43
Referências Bibliografia.....	45
Anexos.....	48
Anexos	

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Cronograma dos procedimentos efetuados.....	32
--	----

Introdução

O presente relatório foi pensado e idealizado a partir da prática pedagógica exercida em contexto de creche, numa Instituição de Solidariedade Social, localizada no concelho de Cascais. Integrada na unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada, com o objetivo de obter o grau de mestre referente ao curso de Educação Pré-escolar.

Este relatório final emerge como uma primeira ferramenta ao desenvolvimento do aluno, fomentando neste uma atitude ativa na construção do saber, nas áreas da investigação e consequente reflexão. Esta atitude investigativa culmina numa transformação contínua de construção e reconstrução do conhecimento.

Perante as vicissitudes dos dias de hoje, o contato e consequente diálogo entre gerações revela-se difícil, impedindo assim que a transmissão cultural.

É no encalce de uma sociedade orientada por valores e conhecedora das suas origens que, a meu ver, o papel dos pais e a sua intuição quando contam um conto popular ao seu filho, se revela essencial quando confrontado com a intencionalidade dos educadores nessa mesma transmissão. Para que, esta intuição e intencionalidade ocorram de forma harmoniosa é fundamental não esquecer o papel que a relação desempenha na tecelagem desta mesma harmonia.

Desde tenra idade, sou uma apaixonada por literatura tradicional, sendo o meu bisavô o grande impulsionador desta minha paixão. Lembro-me de, enquanto criança, ser impactada com a magia dos contos populares que me transportavam para mundos encantados e que, conseguiam resolver conflitos, medos e receios que pairavam no meu ser. Anos mais tarde, na minha formação académica, deparei-me com alguém que reacendeu em mim as memórias da minha infância, e o pulsar da minha cultura fez-se ouvir mais uma vez no meu coração.

Através da minha prática pedagógica, foi despertando em mim o interesse no aprofundar o saber sobre a intuição e a intencionalidade na transmissão dos contos populares feita por pais e educadores. Assim, passando por uma atitude de investigação e reflexão, procurei as respostas para aquilo que me inquietava.

No decorrer da minha prática, pude observar a dificuldade crescente que as crianças revelam na resolução dos seus problemas. Nesse sentido, a intuição e intencionalidade que habitam nos contos populares remetem-nos para a formação da personalidade e da afetividade.

Bettelheim (2011) reitera que a transmissão dos contos adentra no mais íntimo do nosso ser.

O sentido intuitivo e intencional que ocorre na transmissão do conto popular, e o nodo como essa transmissão vai ter relevância nas relações afetivas da criança, enquadra-se no estudo a seguir apresentado. Assim, escolhi para tema do meu trabalho: **De que modo a intuição e a intencionalidade dos pais e educadores na transmissão dos contos populares influenciam a relação afetiva das crianças de 2/3 anos?**

O sentir e a intenção de pais e educadores na transmissão do conto popular é uma das bases deste trabalho. Assim, pretende-se dar voz às questões que se levantam e que, constituem a problemática do trabalho que pretendo desenvolver:

- Em que medida a utilização dos contos populares em contexto de sala promove a aprendizagem?
- De que modo os contos populares são promotores da relação afetiva entre a crianças e os adultos de referência?
- De que forma a transmissão intuitiva e intencional dos contos populares é promotora do desenvolvimento da criança?

Na busca pela elaboração do processo que permita a análise do problema a ser tratada, e como forma de facilitar a pesquisa, foram definidos os seguintes objetivos:

- Identificar e refletir sobre a intuição e intencionalidade nos adultos de referência da criança;
- Compreender como é que os contos populares são mediadores da relação afetiva.

Optou-se por uma metodologia de natureza qualitativa interpretativa, escolhendo-se como principais técnicas de recolha de dados, as entrevistas semiestruturadas e a observação através das notas de campo.

A instituição, Associação de Beneficência Luso Alemã (ABLA), local onde realizei o meu estágio, é uma IPSS - instituição particular de solidariedade social. A ABLA, tem a sua sede na Quinta do Junqueiro - em Carcavelos, funcionado com as valências de creche, jardim-de-infância e CATL, tendo sido fundada em 1985.

É um espaço com R/C e 1.º andar que dispõe de uma grande iluminação natural.

O espaço exterior encontra-se equipado com diversos equipamentos, todos adequados a um bom desenvolvimento dos seus utentes e expostos de forma assertiva, respeitando as faixas etárias heterogenias existentes na instituição.

O horário de funcionamento é das 07h30 às 18h30.

A instituição tem como projeto pedagógico o respeito pela individualidade de cada criança. Foi concebido tendo em conta o ideário da instituição; é, por isso, um projeto orientado para o futuro, perspetivando o desenvolvimento das crianças. Tem como base a temática do ideário do centro social infantil: sou especial porque sou eu, tenho uma família, uma casa, uma escola e posso fazer a diferença. A ação educativa interage entre as pessoas que ensinam e as que aprendem.

No processo educativo da instituição, o educador está atento às características da criança e não lhe impõe aquilo que ela não quer aprender. Antes de programar a sua ação educativa o educador, pondera sobre as necessidades e expectativas da criança e família. Os pais são os primeiros responsáveis pela educação dos seus filhos; neste sentido, escolas e família trabalham em parceria com a finalidade de proporcionar vivências e aprendizagens felizes à criança. Este relatório encontra-se organizado em três capítulos distintos. No primeiro capítulo, procederemos à explanação teórica que fundamenta este trabalho, que se encontra dividido em quatro pontos fundamentais, sendo que o primeiro se faz pela viagem da literatura tradicional de transmissão oral até ao conto popular, onde é abordada toda a carga simbólica e pedagógica que ele abarca; no segundo será mencionada a intuição e a intencionalidade. Este ponto focar-se-á também no papel fundamental nas relações afetivas que esta estabelece com os outros. Por último, será abordada o contributo dos pais na transmissão dos contos populares.

No segundo capítulo, passamos a descrever as fases de pesquisa documental, técnicas de recolha de dados e ainda a metodologia escolhida. Neste capítulo, irão ainda ser indicados os procedimentos que foram necessários à realização deste relatório final. Como metodologia de pesquisa, adotou-se pela metodologia qualitativa interpretativa, permitindo que o investigador tenha uma visão mais ampla do mundo real e das respostas obtidas. No processo de recolha de dados, optou-se por entrevistas semiestruturadas, de forma a deixar o entrevistado descontraído, respondendo de uma forma informal. Escolhemos ainda notas de campo como material de recolha de dados. Assim, pode-se fazer o registo interpretativo e, ao mesmo tempo, reflexivo.

No terceiro e último capítulo, apresenta-se a análise dos resultados obtidos. São consideradas as informações recolhidas ao longo do período da realização do relatório. Foi necessário apresentar uma reflexão onde constasse a interpretação dos materiais recolhidos, para compreender melhor o seu significado na busca incessante de respostas aos objetivos deste relatório.

Será neste capítulo que estarão expostas as reflexões, apreciações e interpretação dos dados recolhidos, relatando algumas das experiências desenvolvidas, seguindo-se a sua análise e crítica.

Por fim, serão apresentadas as considerações finais, onde, em jeito de conclusão, serão tecidas as reflexões e considerações finais sobre o estudo efetuado. Como parte integrante do esqueleto deste trabalho, encontra-se a bibliografia, onde estarão registados todos os livros que contribuíram, de uma forma ativa, para construção deste relatório final.

Capítulo 1 - Quadro teórico

1. Da Literatura Tradicional de Transmissão Oral ao Conto Popular

“Dizem...
Que os contos nasceram há muitos e muitos anos.
Que andaram no coração do povo, viajaram de boca em boca, de geração em geração, até aos dias de hoje.
Que passaram de pais para filhos, como se de uma herança se tratasse.
Mas, dizem que gostam de sair pelo lusco-fusco e de serem contados ao canto do lume.
Que enriquecem o património interior de cada homem e mulher.
Que acordam as vozes e as memórias de ora e outrora”...

(Duarte, 2009, p. 87)

O estudo que pretendo desenvolver tem como princípio incrementar a ideia de intenção e intencionalidade aplicada na transmissão oral dos contos populares em crianças de 2/3 anos. Nesse sentido, é pertinente perceber em que género literário estes contos se enquadram. Mas, para que possamos catalogar os contos populares, é pertinente ir ao *genesis* da questão, ou seja, o que se entende por literatura tradicional e como a partir daqui, chegamos aos contos populares.

A literatura provém do latim "*litteris*" que significa "*Letras*". É uma manifestação artística, que tem como objetivo fazer uma recriação do sentir, do pensar e das técnicas narrativas do seu autor. Uma das grandes marcas da literatura é a sua matéria-prima, ou seja, a palavra que tem o dom de conseguir transportar o leitor para mundos distante e sentires difíceis de imaginar.

Quando, em literatura se fala no conceito popular, este está intimamente relacionado com literatura oral ou ainda com a literatura tradicional. São diversos os autores, que de uma maneira ou de outra, se interrogam sobre a terminologia mais correta para catalogar e arrumar este tipo de literatura provinda dos saberes e sentires de um povo anónimo.

Segundo Natividade Pires (2005) o conceito de literatura popular é várias vezes colocado em confronto com o oral e com o tradicional.

Aguiar e Silva em (Pires, 2005) defende que a denominação de literatura popular pode induzir em erro, em virtude do conjunto dos vários sentidos do semantema popular, onde a extensão semântica da palavra cabem significados e valores dissemelhantes de contraditória natureza.

Para o autor Guerreiro (1983) a designação mais correta é *literatura popular*, pois a literatura oral não consegue abranger a parte escrita que mais tarde o povo

começou a produzir. Já Pere Ferré, defende a designação *oral e tradicional*. Por fim, literatura tradicional transporta-nos para o que a palavra tradicional nos quer transmitir, que segundo Diniz (2001) é algo antiquado e que pertence ao passado. Perante a pesquisa feita, será usada nesta investigação a designação: *literatura tradicional de transmissão oral*, isto porque o tradicional "é aquilo que é transmitido de geração em geração, o que vem de longe, do passado, que tem uma certa duração no tempo e continua vivo" (Guerreiro, 1983, p. 12). Outra das razões é tradição oral completar "a diferença entre os textos transmitidos num suporte memorial ao longo da épocas" Guerreiro (1983) citado em (Pires, 2005).

O conto popular teve origem no povo, era passado por via oral de geração em geração. Na sua maioria, os contos eram contados aos serões, junto á lareira pelos anciãos que transmitiam aos demais, a sua sapiência com histórias irreais ou verdadeiras, e que faziam a delícia tanto de crianças e adultos.

É um relato pouco extenso, logo tem, uma temporalidade e um número de personagens reduzido, com referências temporais difíceis de precisas e com uma ação bastante simplificada. O conto na sua variante de literatura tradicional de transmissão oral, centralizasse num desenrolar de narrativa simples, nomeadamente arreigada na tradição cultural e nos costumes de um determinado povo. As vivências narradas, são geralmente iniciadas da seguinte maneira: "Era uma vez", "Certo dia", "Há muito tempo atrás", "Há muito, muito tempo", etc. Estas formas fazem a delícia do ouvitor, captando a atenção e expectativa para o que se vai desenrolar ao longo da narrativa.

Durante séculos os contos foram sofrendo algumas alterações na sua transmissão, nomeadamente pelo facto de passarem a ser escritos, obrigando a um reajuste, neste sentido entra em ação o velho ditado *Quem conta um conto acrescenta um ponto*. Segundo (Propp, 1992) os contos são na sua maioria de outros contos. Os temas narrados nos contos populares, variam mediante as vivências da sociedade que lhes dá origem.

1.1.Classificação dos contos

Quando se fala em classificação dos contos, levanta-se uma questão que pode causar alguma controversa no seio de alguns investigadores, que se têm vindo a debruçar sobre esta problemática.

Em 1928, e mais tarde atualizado em 1962, Vicente Rico o pioneiro da etnografia da Galiza, propõem que a classificação dos contos se faça de uma forma dupla, ou seja: segundo a intenção e por outro lado de acordo com o assunto. Segundo a primeira categoria, o autor propõe que os contos sejam divididos em contos maravilhosos; exemplares; humorísticos; eróticos; mnemotécnicos. Já a segunda tem como pretensão dividi-los em: contos de bruxas; do diabo; do trasno e figuras afins; mortos; almas penadas; animais; viajantes; encantamentos; ofícios diversos; ladrões; reis e príncipes.

Em Portugal, muito embora usando outros critérios de classificação, os nomes de Adolfo Coelho, Teófilo Braga, Consiglieri pedroso, Leite de Vasconcelos e David Pinto Correia constam nos classificadores dos contos populares.

Os contos são materiais com variadíssimas vertentes e totalmente multifacetados nas suas abordagens temáticas. Têm preocupações ético-morais o que fazem com que o seu estudo não seja uma tarefa de fácil resolução (Parafita, 2001). Como tal, existe uma grande preocupação na divisão do *corpus* em partes, no entanto, esta divisão terá que cumprir normas que nem sempre geram consenso entre os estudiosos da matéria. Entre as primeiras divisões dos contos populares, destacam-se aquelas que estavam de alguma forma, relacionados com a escola mitológica: contos míticos; contos de animais; contos de costume. Todavia, Propp (1992) coloca em causa esta classificação na medida em que o autor alega que o elemento maravilhoso poderá, ou não, estar presente nos contos de animais. Outras classificações foram surgindo, como a de Wunt que sugeria que os contos fossem divididos: contos-fábulas mitológicos; contos maravilhosos puros; contos e fábulas biológicos; fábulas puras sobre os animais; contos sobre as origens; contos e fábulas humorísticas; fábulas moram (Parafita, 2001). Porém, Vladimir Propp (1992) não concordou na sua totalidade com esta classificação, alegando a ambiguidade existente na noção de fábula.

Aarne e Thopson são investigadores da escola finlandesa e, propuseram uma classificação atualizada em 1961 que conferia a seguinte divisão: contos propriamente ditos que se subdividem nas categorias de contos de fadas, contos religiosos, contos novelescos e do ogre estúpido. De seguida: contos de animais; contos jocosos e divertidos e contos de fórmula.

Nesta investigação, iremos usar a classificação que está referenciada no livro de Alexandre Parafina (Antologia de Contos Populares, 2001), que é baseada na classificação de Aarne e Thopson, pois é pautada por uma maior universalidade. Será

focada unicamente a vertente dos contos na medida em que é o foco desta dissertação, sendo feita uma breve descrição de cada um.

Contos propriamente ditos

Segundo a classificação feita por Aarne e Thompson deste grupo de contos fazem parte um extenso número de tipos de narrativas latitudes, entre as quais se encontram : os contos maravilhosos (conhecidos também como contos de fadas), contos religiosos, contos novelescos e do ogre estúpido.

Contos maravilhosos

Estes contos são modelados pela presença de personagens do sobrenatural. Verifica-se na tradição oral portuguesa uma grande quantidade deste género narrativo, enriquecido com figuras que apenas existem no nosso imaginário, tais como, bruxas, fadas, lobisomens, almas penadas, entre outras. Apesar destas personagens nos levarem para um mundo ilusório e inexistente, elas fazem parte da nossa vida, ou seja, da memória coletiva de um povo. Este tipo de contos permite à criança, que os ouve e apreende, encerrar o mundo real com mais clareza e irá conseguir, com mais facilidade, fazer a distinção entre o bem e o mal.

Para além de contos maravilhosos, estes contos também são conhecidos por contos de fadas. No entanto segundo Alexandre Parafita (2001) este é um conceito um pouco impreciso em termos teóricos, e que por esse motivo alguns autores têm evitado definir. Os contos de fadas consideram assuntos que nem sempre são semelhantes, onde cabem figuras de grande amplitude semiológica. Muito embora, como o próprio nome indica contos de fadas, nem sempre se acham fadas na narrativa, podendo fazer parte da mesma figuras fantásticas como: lobos, dragões, grilos, etc.

Pode afirmar-se que os contos de fadas têm um teor capaz de encantar e de transportar as crianças de tenra idade para experiências capazes de serem vividas no imaginário. A idade de ser criança é muitas das vezes classificada como a idade dos contos de fadas.

Contos religiosos

Na tradição portuguesa, os contos religiosos têm um elevado peso. Isto deve-se sobretudo à crença e religiosidade existente nas comunidades rurais, onde é comum existir a presença de um Deus, de anjos e santos a fazerem milagres e, ainda a terem o

poder de permear ou mesmo admoestar a raça humana. Um dos grandes objetivos deste tipo de contos é o passar para o ouvitor um apreço por aquilo que é sagrado, e também, uma procura pelo aperfeiçoamento do homem na terra, que o levará a herdar a vida eterna.

Existe uma semelhança entre estes contos e as parábolas escritas na Bíblia: ambos são narrações alegóricas revestidos por algum preceito de moral, em consonância com os ideais religiosos.

Os contos religiosos também estão, muitas vezes, ligados ao sobrenatural, onde são usadas personagens como o diabo ou figuras satânicas do fantástico maravilhoso (Parafita, 2001), o que pode levar a um questionamento sobre a verdadeira classificação deste tipo de contos, pois se é religioso, tem figuras do maravilhoso. Perante esta dúvida, a resposta é encontrada no motivo do conto, ou seja, se o motivo são inquietações religiosas é um conto religioso, caso contrário é considerado conto maravilhoso.

Conto novelescos

Com uma estrutura análoga aos contos maravilhosos, os contos novelescos ou românticos têm como característica a inexistência de componentes sobrenaturais. Têm como personagens principais os reis, princesas e príncipes que erigem afinidades com pessoas de condições socioeconómicas humildes, mas que acabam por se tornar os grandes heróis do conto. Segundo Parafita (2001), esta categoria de contos são também denominadas por contos realistas onde muitas vezes no lugar de reis e princesas estão lavradores abastados e avarentos que estabelecem uma relação com criados humildes mas inteligentes, que acabam por vencer pela sua esperteza, dando força à expressão "quero posso e mando".

Contos do ogre estúpido

Este tipo de conto aparece na literatura oral portuguesa com personagens como bruxas, gigantes e outros seres de características horripilantes, muitas das vezes mal vistos e com fraca reputação perante o povo. Variadíssimas vezes, estas personagens vistas de uma maneira tenebrosa do fantástico maravilhoso, são vencidas por figuras de porte inferior mas com um grau de inteligência bastante superior.

Contos jocosos ou divertidos

Com 799 tipos, este grupo de contos contém um variado lote de temas. Aqui enquadram-se os contos sobre doidos, temas matrimoniais, mulheres que tentam casa, homens que são enganados, homens avarentos, pessoas menos inteligentes, padres luxuriosos, juizes, mulheres preguiçosas, mulheres infiéis, caçadores mentirosos, sapateiros ardilosos, povos vizinhos e rivais, etc. (Parafita, 2001).

Contos de animais

Segundo Parafita (2001), Aarne e Thompson apresentam 299 tipos na categoria de contos de animais e estas estão subdivididas por pequenos grupos: animais selvagens; aves; peixes; e outros animais e objetos. É de salientar, que o grupo dos animais selvagens é aquele que contém o maior número de narrativas.

Na sua maioria nos contos de animais, a personagem principal (animal), é capaz de partilhar vivências positivas com o homem, mas também de o arrelhar. O grosso do conto mantém-se mais ou menos o mesmo em todas as regiões do país, a raça do animal é que pode variar mediante as culturas e vivências de cada região. É frequente encontrar-se personagens como o lobo ou uma raposa. O lobo caracteriza-se pela sua natureza selvagem e, por vezes, atroz, mas, ao mesmo tempo, tolo e burro, já a raposa é por norma astuta, aproveitadora das oportunidades sem preocupações éticas e também enganosa. Muitos outros animais se encontram nestes contos cheios de simbolismo e, em todos, existe um cruzamento de características do temperamento do ser humano.

É habito relacionar alguns destes contos com a palavra fabula, pois contêm animais com características humanas como a fala, os costumes etc. No entanto segundo Parafita (2001), este contexto não é consensual, mas vai em busca do envolvimento das narrativas que, através do caminho figurativo ou simbólico, tenta ser um transmissor de ensinamento influentes de conteúdos morais e de uma grande utilidade na vida diária.

Na sua maioria, estes contos têm como principal recetor as crianças, que os vêem como um cúmplice que as remete para um aparente paraíso na terra. Assim, o recado que é passado, ou seja, a moralidade do conto marca grandemente pela positiva qualquer criança.

Apesar destes contos terem sido visto com um elevado grau didático e pedagógico à relativamente pouco tempo, os animais sempre fizeram as delícias do imaginário dos ouvidores, possuindo poderes mágicos sendo o auxílio ou um obstáculo ao herói da narrativa.

Contos de fórmula

Nas grandes e tradicionais coleções de contos populares não consta a classificação de contos de fórmula. Tal como foi mencionado na classificação dos contos populares, em 1961 teve lugar uma grande inovação dos estudos da escola finlandesa que deu origem à introdução de um quarto grupo classificativo, ao qual foi dado o nome de contos de fórmula. Para uma criteriosa classificação, esta foi subdividida em três categorias: contos cumulativos; contos com engano; e um terceiro sem denominação. Com um total de 399 tipos esta categoria pretende cultivar ideias e palavras e, realçar de uma forma perceptível algumas explicações.

O primeiro subgrupo com a designação de contos cumulativos é também conhecido como contos enumerativos ou mnemotécnicos, estão mencionados narrativas que fazem parte da tradição portuguesas com papéis variados. Segundo Parafita (2001) é o caso do conto das "Doze Palavras Retornadas", onde as partes características são narradas mediante a sua enumeração, havendo uma maior facilidade na memorização.

No segundo subgrupo (contos de engano), aparece um grande número de pequenos textos, onde o contador incita o ouvinte a proferir algumas palavras para logo de seguida dar uma resposta caricata podendo chegar mesmo a uma resposta indecorosa.

2. O valor pedagógico do conto popular

As crianças e adulto, ambas abitam o mesmo mundo pensão, sentem e vêm esse mundo de formas completamente distintas. Bruno Bettelheim (2011) refere que através da história, as vivências intelectuais de uma criança estão dependestes dos mitos, dos contos de fadas etc., que são o alimento da imaginação, o estímulo da fantasia que serve como importante agente socializador. Os contos populares, têm o privilégio de ajudar a criança a formar os conceitos de origem, bem como desígnios do mundo que as rodeia e dos seus padrões sociais.

O conto, apresenta na sua maioria vivências do cotidiano, no entanto, não se referem com clareza ao mundo exterior. O seu tema/ação tem poucas semelhanças com as vidas dos ouvintes. A sua essência realista tem a capacidade de falar aos processos interiores do indivíduo (Bettelheim, 2011).

Sendo mais do que simples histórias, os contos têm uma enorme importância na formação do mundo interior de uma criança, esclarecendo as suas emoções, servindo de enriquecimento e estimulando a sua imaginação. As histórias têm a capacidade de estar

em sintonia com os sentires mais íntimos das crianças e sugerem soluções para os seus problemas e angustias.

Segundo Emília Traça (1992), o conto é o veículo de transmissão de valores culturais. Quem os ouve, descobre nas personagens que habitam na narrativa figuras bem reais com quem se defrontam no seu quotidiano.

As questões levantadas pelos contos são questões com as quais o indivíduo se vê confrontado:

"rivalidade de gerações, integração dos mais novos no mundo adulto, tabu do incesto, antagonismo dos sexos. Lida com aspetos da vida social e do comportamento humano, com etapas fundamentais da vida humana como o nascimento, o namoro, o casamento, a velhice e a morte, e com episódios característicos da maior parte das pessoas. Do campo emocional fazem parte o amor e o ódio, a desconfiança, a alegria, a perseguição, a felicidade, a rivalidade, a amizade e, muitas vezes o mesmo conto refere-se a estes fenómenos em pares contrastantes: o bem contra o mal, o êxito" (Traça, 1992, p. 28).

Conforme Bettelheim (2011) refere, a diferença entre o conto popular ou de fadas e outras narrativas tanto orais como escritas é a maneira como conseguem resolver os seus conflitos. O conto contém componentes que dão respostas que variam conforme as culturas e a forma com que a sociedade se organiza socialmente, porém demonstra que alguns riscos e situações têm o poder de ser ultrapassadas se forem vistas com firmeza e pertinácia. Os contos ancestrais não são desinteressados, mas presenteiam o ouvinte com explicações do universo, a representação de medos e ao mesmo tempo de confianças, são um ensino de sabedoria, são um cristal precioso onde cada raça armazenou os seus receios, os seus medos, as suas dores, as suas angustias, as suas reivindicações, o seu acreditar num mundo com qualidades superiores ao seu.

Para além de terem um potencial lúdico inigualável, os contos tal como refere Emília Traça (1992), são um carregador de baterias para a auto estima e para o ego da criança e, têm um papel basilar na formação da mesma. São e serão sempre, parte na nossa herança cultural.

Referindo Platão em (Traça, 1992), o mais importante não é a instrução/educação formal, ou seja, as crianças terem de saber um determinado conceito ou determinado conhecimento, mas sim, desenvolver-lhe a imaginação, a máquina com a qual somos capazes de recriar o mundo em que vivemos. Neste sentido os contos servem como método e estratégia para educar uma criança. Os contos ajudam a criança a perceber o que a rodeia e ajudam-na a saberem o seu lugar nesse mundo humano. Trabalhados desde tenra idade, as narrativas populares vão favorecer os sentidos,

organizam e dão formato às personagens da sua imaginação, bem como aos conflitos com os quais as crianças de deparam no seu dia-a-dia.

Apesar de não serem as únicas histórias a serem contadas à crianças, os contos têm uma "magia" que as outras não têm, conseguem ser facilmente assimiláveis pois têm uma estrutura e temas bem mais simples e apelativos. A linguagem utilizando as metáforas, possibilita que a criança se projete nas diferentes personagens e nas variadas situações.

Os contos, continuam a desempenhar uma função indispensável no nosso imaginário, principalmente no das crianças dos nossos dias, para quem estes contos remotos, nascidos há muitos anos atrás, vindo de culturas e vivências diferentes, continuam a estar presentes e a serem uma ferramenta para a vida da criança. (Traça, 1992).

Segundo Bettelheim (2011), a mensagem pedagógica que o conto quer transmitir através de variadíssimas formas que a luta que é travada tendo como opositor as grandes dificuldades da vida são inevitáveis, fazendo parte intrínseca da vida humana, mas que se o ser humano der de si próprio, e com ousadia, bravura e audácia enfrentar as dificuldades, que muitas vezes podem ser injustas e mesmo inesperadas, acabará por conseguir por saltar todos os muros conseguindo vence-los.

A criança para conseguir alcançar a maturidade com organização mental, precisa sobretudo de sugestões simbólicas de como ultrapassar as barreiras, assim, os contos populares são o meio utilizado para confrontar a criança com as exigências elementares do ser humano

3. O valor simbólico do conto popular

Hoje em dia, os símbolos são visto de uma maneira e têm uma importância completamente diferente do que tinham à alguns anos atrás. Pode dizer-se que a imaginação não é mais vista como uma loucura, mas sim como algo indispensável a novas e decisivas descobertas. Os símbolos são o pulsar da vida imaginativa. São reveladores dos maiores segredos escondidos no inconsciente desabrochando para o desconhecido e para o infinito (Chevalier & Gheerbrant, 2010).

Para que possamos entender o que acontece no intimo de uma criança quando ouve ou lê um conto, é fulcral ter conhecimentos sobre a simbologia dos contos de fadas. Ao ouvir a história, a criança é envolvida de tal forma com o conto, que poderá

ser levada a sofrer mudanças pessoais, as representações do conto vão direitas ao seu inconsciente, trabalhando os seus conteúdos e resolvendo conflitos que envolvem o seu interior.

O conto, acaba por ter com a criança um diálogo pessoal usando a linguagem do inconsciente, sem precisar da intervenção da razão, nem mesmo de explicações e elucidações. Tendo como auxiliador uma espada ou uma fada, a criança é capaz de conseguir ter a força adjacente que a ajuda a derrotar todas as suas preocupações e tudo aquilo que a assusta. Muitas vezes, estas batalhas não são vencidas logo na primeira vez que a criança ouve ou lê o conto, daí ela pedir incessantemente que lhe contem a mesma história vezes sem conta.

Uma criança não sabe porque têm medo, apenas sabe que o sente, neste sentido o conto tal como ele é, sem lhe ser retirado nenhum acontecimento, é um auxiliador para que esse medo deixe de existir. A criança através dos contos, vai perceber que os monstros e as bruxas não existem no seu mundo real, mas sim dentro da sua cabeça e apenas na sua fantasia e imaginação. No momento que a criança ouve a narrativa, ela tem a capacidade de a reviver, através de uma linguagem simbólica.

De facto as histórias narradas nos contos têm um papel fundamental no desenvolvimento das crianças: primeiro têm a insubstituível capacidade de promover o divertimento, os contos têm a incomparável aptidão de as ajudar a esclarecer sobre si próprias, e ao mesmo tempo ajudam-nas no crescimento da sua personalidade.

Das várias características dos contos pode destacar-se o fato do mal ser visto como algo atraente e sedutor, tomando como exemplo a rainha da Branca de Neve. As figuras da história não têm dois valores diferentes, mas sim apenas um, ou seja, as personagens ou são boas ou são más. Tal como acontece na mente da criança, as pessoas ou são boas ou são más. As crianças não conseguem ter maturidade para determinar o carácter de uma figura do conto que seja ambivalente. Outra característica que o conto tem, é ter a capacidade de ofertar esperança à criança, cada conto está direccionada para uma determinada fase da vida da sua vida. A criança terá a capacidade de se conseguir identificar com a história que no momento, faz mais sentido para seu inconsciente e, vai servir como um auxiliador na resolução dos problemas que o crescimento acaba sempre por trazer.

No conto "Hansel e Gretel", é retratado o querer incessante dos dois irmãos em não se quererem separar dos seus progenitores quando chegar a hora de terem de enfrentar o mundo sozinhas.

Na história "Os três porquinhos" o principal tema retratado é: o começo do prazer em oposição com o princípio da realidade. Este conto ajuda as crianças a entenderem que não devem dar lugar à preguiça e devem ter consciência daquilo que fazem, pois os seus atos têm consequências que poderão ou não ser prejudiciais. As suas casas, simbolizam o processo do progresso vivido pelo homem ao longo da história, vindo de uma casa de palha para uma de madeira e, mais tarde para uma de tijolo.

Tendo como princípio a prática pedagógica, penso ser pertinente descrever o valor simbólico de um conto que para o meu contexto de sala, é um dos contos mais pedidos pelas crianças. O intemporal "Capuchinho Vermelho". Mesmo sendo um conto muito explorado por diversos autores, destaca-se a versão dos irmãos Grimm, onde a Capuchinho Vermelho e a sua avó, renascem e onde o lobo recebe o seu justo castigo.

Contudo, a história literária deste conto nasce pelas mãos de Perrault, no entanto se todas as variantes deste conto terminassem com a versão de Perrault termina, provavelmente seria colocada de parte. Este poderia ter sido o seu destino caso os irmãos Grimm não a tivessem tornado um dos mais conhecidos e populares contos de fadas. Assim sendo, será a simbologia da versão dos Grimm que será desmontada nesta dissertação.

De acordo com Bruno Bettelheim (2011), no decorrer do conto é reconhecido um paradoxo, sendo a menina em idade da pré-adolescência, capaz de assimilar as instruções da sua mãe para seguir apenas pela estrada, todavia, sem sair desta, é com facilidade convencida pela figura do lobo a optar por outro caminho, no qual ele sugere que a menina observe as flores e que esteja atenta ao canto dos pássaros, não levando em conta as indicações precisas da sua mãe. O fato da menina ir pelo caminho recolhendo flores só parando quando já não consegue recolher mais, simboliza a ambivalência com que ela se depara, devendo viver conforme o "princípio do prazer ou o princípio da realidade" (Bettelheim, 2011, p. 263). Só quando esta ação deixa de lhe proporcionar prazer é que ela toma consciência da sua missão.

No momento em que Capuchinho Vermelho sai de casa para levar a cesta com doces à sua querida avó, a menina deixa a sua casa, o seu lar de uma maneira voluntária, não temendo o mundo exterior que a rodeia. O mundo fora do contexto do seu lar torna-se assim bastante atraente, passa a existir um compartimento baseado no princípio do prazer (Bettelheim, 2011).

O mesmo autor refere ainda que, a Capuchinho Vermelho é uma menina inocente que parte em busca da sua maturidade que se encontra entre a infância e a

puberdade. Esta maturidade é visível quando ela denota algo de diferente na avó - quando o lobo se faz passar por avozinha - mas que logo a seguir se confunde e não dá importância ao acontecimento, pois o animal está vestido com as vestes da sua avozinha.

Bettelheim refere também a questão masculina onde estão representados o lobo e o caçador. Estas duas personagens, estão interligadas na questão da sedução, violência e proteção e, ainda no altruísmo. De acordo com o autor, o caçador é a figura mais atraente, quer seja para as meninas como para os meninos, pois é o salvador das personagens boas e o castigador da personagem má.

Para finalizar, como é apanágio dos contos de fadas, a moral e a justiça estão representadas no momento em que a barriga do lobo é repleta de pedras, sendo a avozinha e a menina colocadas são e salvas.

4. A Intuição e a Intencionalidade do conto popular

A intuição é uma forma de conhecimento que existe no nosso interior, no entanto, nem todas as pessoas têm a capacidade e a sabedoria de como a utilizar. A sabedoria tem como fonte de alimentação experiência conscientes e aprendizagens inconscientes. Podemos afirmar que as fontes do conhecimento intuitivo têm morada no nosso inconsciente e que, segundo Jung (2008), não se restringe ao armazenamento de conteúdos passados, mas contém um vasto universo de conteúdos e vivências passadas e futuras.

Por vezes chamamos à intuição a voz do coração, é a forma de conhecimento que está dentro de nós. A palavra intuição deriva do latim *intueor* que significa considerar, olhar para, contemplar ou ver interiormente. Para Pascal (2003), a intuição é um produto da capacidade da mente e tem a capacidade de executar muitas tarefas ao mesmo tempo, graças a infindáveis conexões inconscientes que tornam possível à mente consciente fazer escolhas. O psiquiatra Jung (2008), referia sobre o conhecimento intuitivo que cada ser humano é portador de sabedoria e conhecimento que necessita dentro do seu próprio interior.

Os contos populares têm a capacidade de transmitir confiança e certeza de um fim positivo para qualquer situação, e neste sentido, podemos afirmar que a intuição está presente nos contos e que ajuda a criança a conseguir ultrapassar barreiras e a vencer medos. Assim, a intuição transmitida pelos contos permitem, ajudar as crianças a confiar mais no seu conhecimento intuitivo e formarem-se cada vez mais como pessoas

firmes e seguras. Os contos, são a ponte que permite a passagem de um pensamento reprimido para uma intuição correta e confiante em si própria e na sua potencialidade.

Enquanto a maioria dos pais ao contar um conto popular está a fazê-lo ponto em prática a sua intuição, cabe ao educador ser intuitivo é certo, no entanto este tem uma responsabilidade adjacente, a intencionalidade. "A intencionalidade do processo educativo que caracteriza a intervenção profissional do educador passa por diferentes etapas interligadas que se vão sucedendo e aprofundando" (Silva M. I., 1997, p. 25)

Agir com uma intencionalidade pedagógica é organizar uma determinada atividade de uma maneira coerente, com consistência, criatividade e ainda planear de forma a conseguir alcançar um determinado objetivo na aprendizagem da criança.

A intencionalidade, não é um ritual de planeamento de conteúdos, ela tem o seu princípio na atitude do educador/professor, que deverá ser de diálogo com o seu grupo de criança, de forma a conseguir com mais facilidade transmitir os conteúdos de aprendizagem.

Quando um educador prepara uma atividade relacionada com um conto popular, este deve ter em conta o potencial inesgotável de um conto, bem o seu valor na articulação de conteúdos.

Os contos são uma fonte inesgotável do saber e como tal, devem ocupar um papel de primeira linha na formação de uma criança, no entanto para que essa árvore possa dar um fruto mágico, não só é importante existir uma intencionalidade quando se faz essa comunicação. Traça (1992), refere que mais do que em qualquer contexto, o contexto educativo é um lugar de excelência onde o educador poderá fazer a transmissão do conto popular, utilizado todo aquilo que este pode transmitir introduzindo um propósito com uma finalidade pedagógica. Assim, cada criança vai conseguir filtrar para si aquilo que mais lhe tocar nessa transmissão. Cada criança irá ter reações distintas, na medida em que cada criança é um ser único e especial, contendo uma imaginação própria, uma vivência e dados escondidos no seu inconsciente (Traça, 1992).

5. Os contos e o gosto pela leitura

Nos dias de hoje muitos dos contos tradicionais estão abrigados no objeto livro. Este mágico objeto é procurado com muita veemência pelas crianças que desde cedo são estimuladas para o imaginário. Já muitos estudiosos na matéria referem que o conto

é um canal por onde nasce o prazer e o gosto de juntar letras e formar palavras: a leitura. Os contos rasgam a cortina e permitem que a criança se envolva de uma forma prazerosa no encanto da leitura literária.

Perante a investigação feita por Bruno Bettelheim, os contos de fadas são realçadas as inúmeras repetições realizadas dos contos durante séculos, o que contribui para um apuramento das suas características, para a sua perfeição e para um acumular de significados.

Perante esta perspetiva, o conto tem um papel relevante na aprendizagem da língua. Muitas vezes nos deparamos com textos destinados à aprendizagem da língua materna, secos de significados e que são incapazes de se direcionarem aos sentimentos e personalidade da criança. Esta situação pode levar a que a criança se sinta desmotivada, com um vocabulário pouco rico e até mesmo por em causa as suas capacidades cognitivas.

Segundo Emília Traça (1992), é essencial que seja oferecido às crianças material de leitura que toque no seu carácter e na sua personalidade, fundados por narrativas atraentes, expressivas e atrativas. Neste sentido, os contos são transmissores de aprendizagens significativas e oferecem histórias com as quais os alunos se identificam trabalhando para um enorme enriquecimento pessoal e desenvolvendo a sua inteligência.

Citando a mesma autora: "O que é necessário são textos para principiantes que fascinem a criança, que a persuadam que a leitura pode ser uma atividade muito mais agradável, que ao mesmo tempo a ajude a compreender o mundo. Para dar esse resultado, os textos devem estimular o enriquecimento e a imaginação da criança, como fazem os contos de fadas" (Traça, 1992, p. 120).

6. O papel dos contos na relação afetiva

O termo afetividade remete-nos para um entendimento que abrange várias exteriorizações onde estão expostos sentimentos e emoções. A afetividade tem lugar na vida da criança a partir do momento em que aparecem os elementos simbólicos.

Conforme refere Ferreira a afetividade constitui o conjunto de acontecimentos psíquicos que se manifestam através das emoções, sentimentos etc., que têm sempre como companhia impressões de prazer ou dor, alegria ou tristeza, contentamento ou descontentamento.

A afetividade é área das emoções, dos gostos, dos sentimentos e dos afetos. Para Vygotsky (1991) a criança será aquilo que ela realizar, e não o que recebe. Assim, sofrem modificações quando elas próprias são os agentes das suas vivências e iniciativas. As crianças acabam por se educar a elas próprias, mas para que esta aprendizagem possa ser feita de uma forma positiva, é necessário que o educador ao desempenhar a sua função, consiga aproximar-se das crianças, e não apenas que transmita conteúdos de uma forma mecanizada. A construção do conhecimento surge a partir de um forte contacto que, acontece entre as pessoas, através das ligações sociais que a envolvem a criança se vai desenvolvendo. Deste modo, a criança aprende primeiro a lidar com os seus sentimentos, muito antes de conseguir racionaliza-los. A criança tem a capacidade de conseguir viver as emoções sem as misturar.

Os contos populares permitem à criança vivenciar as diferentes emoções através das diversas personagens da narrativa, o que lhe possibilita odiar e amar, por exemplo a sua mãe, quando esta é projetada na imagem da madrasta ou da fada, sem que isso lhe crie sentimentos de remorso por uma pessoa, que é na maioria das vezes benevolente, no entanto teve num determinado momento a capacidade de gerar na criança frustração. Como sugere Bettelheim (2011), os contos ajudam as crianças na sua árdua, mas ao mesmo tempo importante e satisfatória demanda de conquistar uma consciência mais madura que irá colocar ordem nas pressões caóticas do seu inconsciente.

Através dos contos as crianças são capazes de ter uma visão da realidade e das suas dificuldades de uma forma doseada para que assim se possam construir a si próprias. O fundamental é que a criança seja capaz de interiorizar de uma forma intuitiva, que o que está representado no conto não é real, mas que ao mesmo tempo não é falso. Os contos têm a capacidade de levar à criança a mensagem de que esta irá enfrentar várias dificuldades, mas que , mas que com empenho e dedicação ela sairá vencedora de todas as batalhas, sejam elas internas ou externas. A criança é convidada pela história a identificar-se com uma determinada personagem, onde não só lhe é dada esperança, como lhe é sugerido que, através da sua inteligência, poderá mesmo vencer um adversário mais forte (Bettelheim, 2011) .

7. O contributo dos pais na transmissão do conto popular

Como já foi referido neste relatório final, os contos populares são de cariz oral e são transmitidos de geração em geração pelo povo, que de uma maneira ou de outra vai conseguindo prolongar a sua vida e a sua magia.

Os contos, são transmitidos às crianças de formas bastante variadas e por diversos agentes, no entanto os pais, têm nesta missão um papel de grande importância e muitas vezes são eles os primeiros agentes a fazer o contacto da criança com o mundo encantado dos contos.

Quanto maior contacto os pais, na sua meninice tiveram com os contos populares, mais essa transmissão vai ser feita aos seus filhos. As rotinas, são por norma, o tempo de eleição para que pais e filhos mergulhem em mundos de encantar, permitindo que juntos passem por vivências inimagináveis.

Mas vamos ao início da questão. Será que o contributo dos pais apenas tem início quando a criança já consegue perceber o que lhe é transmitido? Pois a resposta é simples: Não. Vamos então por partes, o som é vibração. Quando se ouve uma voz, um som, uma melodia ou mesmo um ruído, são produzidas vibrações dentro do nosso corpo (Cartro, 2012).

Antes da criança nascer, esta estabelece com o exterior uma relação com o exterior através do som. As vozes provindas do exterior que chegam até ao bebé fazem com que este sinta prazer ou perturbação.

O som que é transmitido ao bebé desde o ventre de sua mãe, tem o poder de acariciar a criança, assim, os pais são capazes de tocar no seu filho através do som provindo da sua voz. Nesta altura se for contado um conto ao bebé, o adulto está a fazer-lhe "massagem especiais" (Cartro, 2012, p. 54). Se o adulto tiver a capacidade de contar um conto a um bebé que ainda está na barriga da sua mãe, este está a familiarizar a criança com uma forma especial de som e a envolve-la na voz da literatura.

Quando a criança faz do mundo a sua morada, deverá continuar a ser presenteada com o som especial que provem de uma história, sendo este um som tranquilizador em qualquer momento da sua vida (Cartro, 2012). Assim, o momento de escutar um conto será um tempo securizante e de uma relação profunda que ela estabelecerá com quem lhe conta a narrativa, neste caso com os pais.

Quando um pai ou uma mãe conta um conto ao seu filho, mesmo antes deste nascer vão promover no bebé um aumento considerável na sua capacidade linguística, e

assim são capazes de nomear um mundo muito mais generoso e complexo, bem como terão a capacidade de ser mais livres, de ir mais longe e sobretudo terão memória.

Segundo Castro (2012), com a linguagem chega a memória, e juntamente com as experiências simbólicas que os contos provocam, as crianças são capazes de desenvolver a imaginação. É importante que os pais leiam para os seus filhos, para que assim, independentemente do caminho que a vida os levar, elas consigam ter linguagem, memória, imaginação e pensamento. Serão crianças, adolescentes e adultos cheios de criatividade.

É pertinente referir que os pais são para a criança o porto de abrigo, sendo que é através das suas vivências e das experiências que estes vão dar aos seus filhos, que a criança se vai desenvolvendo e criando a sua própria personalidade. Neste sentido, o contributo que os pais dão na transmissão do conto popular na vida do seu filho é fundamental. Será a partir desta transmissão que a criança conseguirá sentir-se segura e com clareza, perceberá que é capaz de conseguir transpor todas as barreiras que ao longo da vida se vai levantando no seu caminho.

8. Caracterização da criança dos 2/3 anos

Num panorama geral, o medida dita normal do desenvolvimento de uma criança com a idade de dois anos é pautada pelo iniciada da tomada de consciência se si própria, do seu eu, do seu corpo e movimentos, bem como pelo emergir das primeiras palavras e frases.

Segundo Piaget (1972) o desenvolvimento da criança é dividido em quatro estádios: estágio sensório-motor (do nascimento aos 2 anos); estágio pré-operatório (dos 2 anos 6 anos); estágio das operações concretas (dos 6 anos 12 anos); estágio das operações formais (a partir dos 12 anos).

Perante a pesquisa e estudos feitos por este autor

"cada estágio é caracterizado pela aparição de estruturas originais, cuja construção o distingue dos estádios anteriores. A cada estágio correspondem características momentâneas e secundárias que são modificadas pelo desenvolvimento anterior, em função da necessidade de melhor organização. Cada estágio constitui (pelas estruturas que o define) uma forma particular de equilíbrio, efetuando-se a evolução mental no sentido de uma equilibração muito mais completa." (Piaget, 1972, p. 83)

Conclui-se, que os estágios são fases que se sucedem, qualitativamente diferentes, no que diz respeito ao desenvolvimento do intelecto da criança. No entanto, as ideias expostas em cada estágio são ideias aproximadas, onde a criança patenteará características desse desenvolvimento, na medida em que cada criança apresenta por vezes antes da idade referida esses parâmetros do desenvolvimento, outras demonstram o desenvolvimento passado a idade referida.

É fundamental o adulto ter em a consciência de que cada criança é um ser único e que cada uma tem o seu ritmo de desenvolvimento e os seus limites.

De uma maneira geral, a medida do desenvolvimento dito normal de uma criança na faixa etária dos dois anos é pautada pela tomada de consciência do seu eu, do seu corpo e pela construção das primeiras palavras.

Piaget (1972), refere que aos dois anos a criança apresenta-se no início do estágio Pré Operatória. Por sua vez, este estágio está subdividido em dois sub estádios, o primeiro pelo pensamento Pré conceptual que ocorre entre os dois e os três anos, e pelo Pensamento Intuitivo que acontece entre os quatro e os seis anos.

O estágio Pré Operatório, é elementar para o futuro desenvolvimento da criança, pois é nesta fase que a criança começa a averbar e armazenar, de uma forma constante e permanente, as vivências pelas quais vai passando. Assim, e porque nesta etapa a criança já tem a capacidade de usar o pensamento e a inteligência, começa a ser capaz de usar e compreender as palavras. Neste estágio, o pensamento da criança está

organizado através de um processo de assimilação; acomodação e adaptação, onde predomina a aprendizagem intuitiva, através da experimentação de palavras e a reprodução de sons.

Da mesma forma, nesta etapa da vida, é importante que a criança conviva num meio verbal rico em palavras, não havendo a necessidade de ensinar, pois perante o meio intuitivo de aprendizagem, através de associações livres, as fantasias e significados únicos ilógicos, as crianças são capazes de fazer experimentações com a linguagem, tomando para si ensinamentos únicos que se vão refletir e ter precursão no seu desenvolvimento.

Uma criança na faixa etária dos dois e três anos, tem um tipo de pensamento alicerçado na imagem que a criança vê, ou seja, a sua imagem mental é a base para o pensamento. Assim, pode afirmar-se que o pensamento existe porque há imagem. É aqui que está presente o sub estágio de pensamento, o pensamento Pré Conceptual, onde é dominante o pensamento mágico, ou seja, os desejos das crianças são capazes de se tornar reais, sem haver uma preocupação lógica, aqui predomina o animismo, o realismo o finalismo e o artificialismo. O animismo é a atribuição de emoções a objetos inanimados, o realismo consiste na construção da realidade sem preocupação com a objetividade (eventualmente se a criança vai sonhar com o lobo mau que ouviu na história ela poderá ter medo de sair do sitio onde se encontra), o finalismo onde as ações têm o seu interesse unicamente pelos seus resultados práticos e por fim o artificialismo que é a tendência para explicar os factos naturais como sendo ações que são realizadas por seres humanos (Piaget, 1972).

A linguagem, tal como o comportamento é maioritariamente egocêntrico e de pouca socialização, isto acontece porque a criança está apenas centralizada em si mesma, não consegue fazer a distinção entre o seu ponto de vista e o do outro, ocorrendo as ações da realização de monólogos, onde a criança fala apenas consigo própria, e ainda se é capaz de observar a ecolalias que é a repetição de palavras. A tal linguagem egocêntrica que a criança pratica, tem a função emotiva, ou seja, acaba por ser uma forma que a criança adquire de se exprimir.

Um dos grandes saltos na linguagem dá-se precisamente aos três anos, onde a criança passa a conseguir compreender cerca de duzentas a trezentas palavras. Aqui, o papel da contagem de histórias e as atividades que promovem a linguagem são fundamentais.

Na faixa etária dos dois e três anos a criança começa a ser capaz desfazer pequenas frases com cerca de três palavras e a utilizar verbos, preposições, adjetivos e advérbios de lugar, nomeia objetos que lhe são familiares bem como é capaz de nomear duas ou três cores primárias. A sua capacidade de despertar para a realidade exterior permite à criança começar a questionar as ações dos outros começando a entrar na chamada idade dos porquês.

Durante este período, o jogo simbólico assume um papel fundamental, pois proporciona à criança a capacidade de assimilar as diversas experiências do meio que a rodeia, tomando como caminho as atividades de faz de conta, a construção de legos etc. A utilização do jogo simbólico permite à criança fazer uma organização e a tomar conhecimento do mundo que a rodeia, e ao mesmo tempo, faz com que consiga associar os acontecimentos pelos quais vai passando com a linguagem apropriada.

No que concerne às emoções, o jogo simbólico funciona como uma espécie de terapia, sendo um auxiliador para que a criança seja capaz de libertar as suas angústias, trabalhando na área das emoções.

Na ponte entre os dois e os três anos, existe na criança um grande desabrochar da capacidade criativa, passando a ser capaz de atribuir um significado aos seus desenhos.

Uma das ações mais visíveis aos olhos humanos são a aquisição da marcha e o controlo dos movimentos, o desenvolvimento da fala, a capacidade de autonomia nos hábitos de higiene corporal bem como na alimentação, e sobretudo a capacidade de começar a separar-se da sua mãe, passando a ser capaz de escolher fazer ou não fazer.

II Capítulo - Metodologia de pesquisa

Este capítulo tem como finalidade elucidar o leitor sobre todo o processo de realização deste relatório, desde o seu início até às escolhas metodológicas, interpretação e avaliação dos dados recolhidos. Assim, são descritas as fases de pesquisa, bem como a opção metodológica escolhida (abordagem qualitativa de natureza interpretativa) e, por fim, os resultados que foram obtidos. Tudo isto com o objetivo de dar resposta à pergunta que serviu de ponto de partida para esta investigação.

10. Uma abordagem qualitativa interpretativa

A pesquisa que será explanada seguiu como fio condutor da investigação qualitativa com uma abordagem interpretativa. Assim, "No âmbito dos estudos naturalistas, dá-se especial ênfase aos estudos descritivos (...) centrada nas abordagens interpretativas (Afonso N. , 2005, p. 10).

Afonso (2005), refere ainda que a investigação qualitativa tem a preocupação de recolher informações verosímeis e ao mesmo tempo sistemáticas, sobre os aspetos característicos da realidade da sociedade utilizando ações e procedimentos empíricos, com o objetivo de gerar e ao mesmo tempo inter-relacionar conceitos que permitam fazer uma interpretação dessa mesma realidade.

Na investigação qualitativa, recai a importância da investigação efetuada pelo investigador. É recolhida no seio do ambiente natural e habitual do sujeito observado é aquela que se foca nos aspetos da vida educativa (Bogdan & Biklen, 1994). É nesta forma de investigação que o indagador levanta questões aos sujeitos que está a observar, para que assim possa compreender o seu comportamento e o seu pensar. Para tal, é fundamental que o pesquisador estabeleça, uma relação de afinidade com quem está a ser alvo de observação.

É lícito salientar que este estudo tem como visão a particularização e a compreensão daqueles que estão a ser observados e as ações ocorridos na sua singularidade.

Pode afirmar-se que nos dias de hoje, graças à quantidade considerável de meios existente ao dispor do investigador, o saber, pode ser obtido de formas bastante variadas. Assim, além da pesquisa e investigação que é desenvolvida tem uma função fundamental e indubitável, sendo um método científico e de características bastante rigoristas, pode afirmar-se que nesta investigação enquadra-se também a intuição, os saberes transmitidos através dos contos populares, o raciocínio lógico e por fim as

vivências únicas experimentadas por cada sujeito. Para além destes meios, é pertinente salientar que a investigação que é fundamentada é essencial para que surjam novos conhecimentos e saberes de uma forma metódica e sistemática.

11. Instrumento de recolha de dados

Perante o que está relatado na metodologia escolhida, o paradigma qualitativo interpretativo mostrou-se como uma escolha indispensável e fundamental, pois conseguiu-se assim chegar a uma compreensão clara do problema apresentado. Para esta compreensão foi também fulcral a investigação feita aos vários autores de referência para que se pudessem encontrar caminho de resposta ao problema exposto.

11.1. Entrevistas semiestruturadas

As entrevistas são um dos métodos mais utilizados na investigação educacional.

A entrevista tem como ideia principal ser uma conversa com intencionalidade de uma forma orientada, implicando a existência de uma relação pessoal ao longo da qual os intervenientes têm funções bem definidas: o entrevistador faz as questões e o entrevistado responde (Máximo-Esteves, 2008).

Perante o género de estudo em causa foi escolhido fazer-se entrevistas semiestruturadas neste relatório final.

As entrevistas semiestruturadas têm como orientação a investigação recíproca, ou seja, o investigador vai colocando ao entrevistado um leque variado de questões amplas, na busca de uma interpretação partilhados por ambos. Tem como ponto de iniciação um guião que deverá ser estruturado contendo pontos anteriormente assentes pelo investigador. Máximo-Esteves (2008) refere tratar-se de um conjunto de grandes questões que serão colocadas a todos os respondentes em distintos momentos. As questões que são colocadas dão asas a respostas vastas e desejavelmente largas, racheadas de pormenores, onde estarão patentes os pontos de vista da pessoa entrevistada.

A ordem na colocação das perguntas não é estanque, dando assim a possibilidade de improviso, tanto nas perguntas, como nas respostas. Assim sendo, o

entrevistado tem a possibilidade de expor concretamente o seu saber e pensar sobre o tema em causa.

As entrevistas foram realizadas aos pais das crianças de uma sala de dois anos e a educadoras dessa mesma instituição. A conversa que se foi desenrolando entre o entrevistador e o entrevistado foi bastante agradável e os intervenientes que se disponibilizaram a fazê-lo demonstraram interesse no assunto abordado.

11.2 Notas de campo - Observação direta e participante

A observação é um método privilegiado para a obtenção de novas aprendizagens e valiosas descobertas que permitem uma compreensão mais verisímil da realidade subjacente (Lavill & Dionne, 1999).

Tuckman (2000) reitera que a observação na investigação quantitativa tem como objetivo assimilar o real com o intento de orientar e clarificar o investigador, sendo que o resultado dessa observação é feita e averbada em notas de campo.

Assim, pode afirmar-se que o principal elemento de observação é o investigador. A este, cabe o papel de observar, anotar tudo o que vai observando de uma forma consciente, rigorosa e, ao mesmo tempo, reflexiva. Como refere Afonso (2005), a “observação é uma técnica de recolha de dados, particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos” (p. 91). A observação ocorre num contexto natural, no caso específico desta observação ocorre em contexto de creche, com crianças com idades entre os 18 e os 36 meses, que estarão envolvidas nas suas atividades do dia-a-dia, nas atividades letivas e não letivas e ainda nas rotinas diárias.

A observação pressupõe que o investigador esteja ativo e participativo tempo que achar pertinente, tal como as crianças que estão a ser alvo de observação. Nesta investigação, o investigador esteve presente sete horas por dia, planeando e observando o tempo letivo e não letivo do grupo. As crianças observadas conhecem o investigador desde o início do ano letivo, existindo uma grande cumplicidade e à vontade entre ambos os intervenientes.

Esta observação direta foi realizada como forma de compreender o modo como a intuição e a intencionalidade que é utilizada nos contos populares tem impacto nas relações afetivas que a criança vai estabelecer.

11.3 Pesquisa documental

De forma a ter uma compreensão mais fidedigna do grupo observado, foi necessário recorrer a uma consulta de documentos. Afonso (2005) reitera que a pesquisa documental "consiste na utilização de informação existente em documentos anteriormente elaborados, como objetivo de obter dados relevantes para responder às questões de investigação" (p. 88). Esta consulta recaiu no projeto pedagógico da sala à qual daremos o nome de sala rosa nos planos individuais de cada criança, no perfil de desenvolvimento da criança dos 18 aos 36 meses e na consulta do projeto pedagógico cedido pela instituição e no perfil de desenvolvimento. Esta pesquisa foi fundamental para enquadrar a temática estudada com o contexto pedagógico em que o grupo em o estudo se insere, tanto ao nível do quadro docente como a nível familiar bem como em relação aos objetivos esperados para cada criança

12. Procedimentos

Para a elaboração e consequente concretização deste relatório final, foi necessário recorrer a uma pesquisa bibliográfica exaustiva sobre a temática apresentada, bem como a um conjunto de procedimentos que tem o seu culminar na redação do atual relatório. Deste modo, será apresentada de seguida por ordem cronológica, uma lista dos procedimentos que foram efetuados:

- Caracterização da instituição;
- Caracterização do grupo onde a problemática se revela;
- Reconhecimento e identificação do problema tendo como princípio a prática pedagógica e tutoria em grupo efetuadas na unidade curricular de Investigação em Educação;
- Precessão e compreensão do enquadramento da investigação, neste caso da investigação qualitativa interpretativa, bem como das variadas formas existentes de recolha de informação, como entrevistas e pesquisa documental;
- Elaboração de um guião de entrevistas semiestruturadas a educadores e a pais do grupo de crianças estudado;
- Enumeração operacional de pareceres relacionados com o problema determinado;
- Reconhecer e identificar os objetivos do presente relatório;

- Tutoria com o objetivo de esclarecer interrogações e de trilhar o caminho a seguir;
- Pesquisa bibliográfica sobre as temáticas relacionadas com o objeto em estudo;
- Exposição das entrevistas semiestruturadas e da pesquisa documental como forma de recolha de dados;
- Transcrição das entrevistas;
- Análise e interpretação dos dados recolhidos;
- Considerações Finais;
- Construção final do relatório.

13. Cronograma

O cronograma a seguir apresentado, relata a sequência temporal dos procedimentos que foram sendo efetuados para a realização deste relatório final.

Etapa	2012		2013					
	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho
Aulas teóricas e práticas de Investigação em Educação, lecionadas pela professora Rosa Nogueira	Observação / atitude reflexiva e comunicativa. Análise de documentos sobre Investigação em Educação.			Complementaridade dos objetivos da PES.	Explicitação do posicionamento Paradigmático Qualitativo- Interpretativo e análise personalizada dos trabalhos dos alunos			
Estágio I e II Creche	Início da recolha de notas de campo exploratórias/ síntese reflexivas			Recolha de nota de campo exploratórias / sínteses reflexivas			Entrevistas aos pais e aos educadores	
Orientação tutorial					Acompanhamento personalizado à investigação e relatório final a cada aluno com a orientadora de relatório Joana Duarte			
Trabalho de investigação / elaboração do relatório final					Definição do Problema (1ª abordagem – dúvidas / questões).	Definição final do Problema.	Definição dos objetivos; Metodologia Entrevistas semiestruturadas Fundamentação teórica. Redação do relatório	

Tabela 1 - Cronograma dos procedimentos efetuados

14. Contexto em estudo (escola e grupo)

O grupo em estudo frequenta a sala dos 2 anos B, numa Instituição Privada de Solidariedade Social, situada no concelho de Cascais.

Como ideologia social, a instituição contem crianças de vários estratos sociais diferentes, e tem como objetivo apoiar a comunidade, educar e fazer a inclusão do próximo no seio da sociedade.

A componente letiva aplicada na valência de creche acontece entre as 9h30 e as 11h00. O restante tempo é preenchido com as atividades não-letivas, tais como as refeições, a higiene, a sesta entre outras. A educadora responsável pela sala, está com o grupo de crianças entre as 8h30 e as 16h30. Um dia por semana, as educadoras da instituição têm uma reunião pedagógica com a coordenadora onde é feita uma avaliação das atividades que foram desenvolvidas e a planificação de futuras.

A instituição contempla as valências de Creche, Pré-escolar e Componente de Apoio a Tempos Livres. As crianças poderão iniciar a sua trajetória educativa logo a partir dos 4 meses até aos 6 anos. Depois dessa altura as crianças que frequentarem a as escolas primarias com parceria com a instituição poderão utilizar o CATL. A mudança entre valências faz-se de uma forma calma e tranquila, onde geralmente um dos agentes educativos acompanha o grupo.

Das quinze crianças que compõem o grupo três nunca tinham frequentado outra instituição e as outras doze tinham frequentado o mesmo estabelecimento de ensino no ano anterior.

Este é um grupo homogéneo, com idades compreendidas entre os 18 e os 36 meses, das quais se dividem em 8 meninas e 7 meninos.

Pode afirmar-se que as crianças e educadoras na instituição foram o grande contributo para a obtenção de resultados com o objetivo de responder às questões elaboradas a quando da definição do problema de partida.

III Capítulo: Análise interpretativa dos dados

Tendo como abordagem metodológica a opção qualitativa de natureza interpretativa, este relatório expõe, neste capítulo, as reflexões, apreciações e interpretações realizadas aos dados que foram obtidos.

A análise de dados representa a recolha das principais vivências e acontecimentos sobre os dados recolhidos. Esta recolha pode ser feita de formas variadas, sendo que a metodologia quantitativa apoia-se no cauterizar desses mesmos dados.

Assim, conclui-se que todo o procedimento de análise dos dados tem como função encontrar e organizar toda e qualquer informação recolhida, desde a entrevista, as notas de campo etc.

O processo de análise de dados baseia-se na busca e organização de toda a informação recolhida, seja por entrevistas, notas de campo, etc. de uma forma clara, bem como a divulgação dos dados recolhidos (Bogdan & Biklen, 1994).

As observações realizadas foram registadas através das entrevistas onde se conseguiu perceber a importância dada pelo adulto de referência (pais como educadores) aos contos populares como mediadores de aprendizagens e do desenvolvimento, e ainda perceber se ao fazerem essa mesma transmissão põem em prática aquilo que sentem e se o fazem com alguma intencionalidade.

As notas de campo foram o meio pelo qual se conseguiu proceder à descrição da situação, tendo como fundamentais objetivos a clareza e exatidão no explicar da informação. Conjeturou-se no que concerne à ação e para finalizar, produziu-se comentários que transmitem os pensamentos sobre o assunto abordado. Os nomes das crianças que constam referenciados nas notas de campo são ficcionados.

Neste campo serão apresentados os dados recolhidos através das 10 entrevistas feitas a pais e 5 a educadoras. Foram apenas realizadas cinco entrevistas a cada interveniente devido à falta de disponibilidade revelada, tanto por uns como por outros. Os pais que se disponibilizaram para ter esta pequena conversa amena e bem-disposta foram: Rui Santos; Paulo Cunha; Miguel Ramos; Lisa Silva e Rosa Villaruel. Os educadores foram: Hulda Martins; Fátima Francisco; Denise Miranda; Carla Fernandes e Olga Antunes. De forma a salvaguardar a identidade dos entrevistados optou-se por identificá-los através de um pseudónimo.

Assim sendo, após leitura das Entrevistas realizadas e das Notas de Campo, encontrei como indicadores a intuição (pais) e intencionalidade (educadoras) no modo

como são transmitidos os contos populares, promovendo a formação de leitores, e o gosto que as crianças mostram ao ouvi-los. Tendo como último indicador, os contos tornam-se mediadores nas relações afetivas entre a criança e os seus pares, bem como entre a criança e o adulto de referência.

Para dar resposta aos objetivos e às questões de investigação, foram formadas três categorias: a categoria A diz respeito à intuição dos pais na transmissão de contos populares aos seus filhos. Esta categoria pretende analisar o modo como os pais organizam o espaço e o tempo de modo a transmitir os contos aos seus filhos. A Categoria B refere-se à intuição das educadoras na transmissão de contos populares às suas crianças. Nesta categoria é analisada a transmissão de contos populares às crianças pelas educadoras e se as crianças manifestam o gosto por escutar e recontar os contos. Por fim, a categoria C onde os contos assumem o seu papel como mediador das relações afetivas das crianças. Neste campo, é decomposta a relação afetiva que a criança vai estabelecer com os adultos de referência e com os seus pares através dos contos.

Resumidamente, apresento os dados acima caracterizados:

- **CATEGORIA A:** A intuição dos pais na transmissão de contos populares aos seus filhos. Entrevista ao pai Luís, ao pai Rui, ao pai Paulo, à mãe Rosa e à mãe Lisa e NC nº...
- **CATEGORIA B:** A intencionalidade das educadoras na transmissão de contos populares às suas crianças. Entrevista educadora Carla, entrevista à educadora Olga, entrevista à educadora Fátima, entrevista à educadora Hulda e entrevista à professora Denise e NC nº3
- **CATEGORIA C:** Os contos como mediador das relações afetivas das crianças. Entrevistas à educadora Carla, entrevista à educadora Olga, entrevista à educadora Fátima, entrevista à educadora Hulda e entrevista à professora Denise, entrevista ao pai Luís, ao pai Rui, ao pai Paulo, à mãe Rosa e à mãe Lisa e NC nº 1 e 2

As categorias apresentadas procuram dar resposta aos objetivos do Relatório Final, identificar e repensar a importância de contar contos populares e na forma como são transmitidos. Os objetivos vão ao encontro das questões deste relatório onde se pretende, de forma transversal, compreender o gosto pelos contos e os sentires que deles advêm; compreender como é que os contos populares são mediadores da aprendizagem e do desenvolvimento; entender como os contos são auxiliares nas relações afetivas

que a criança vai tecendo com o seu "eu" e com o outro, e ainda, identificar e refletir sobre a intuição e intencionalidade dos adultos de referência da criança com a transmissão dos contos

15. Significados

. CATEGORIA A: A intuição dos pais na transmissão de contos populares aos seus filhos

Os pais são os primeiros a tecer uma influência na vida dos seus filhos. Eles são, na sua maioria, os primeiros a fazerem a ponte entre a criança e o legado ancestral dos contos. Nesse sentido, pode afirmar-se que os pais, que em crianças não tiveram uma relação de proximidade com os contos, dificilmente irão fomentá-los os seus filhos. Quando ao pai Miguel lhe foi perguntado: Algum dia teve contacto com os contos populares? Se sim quando? a resposta do pais foi clara:

"Sim tive, em criança. Esse contacto foi feito pela minha mãe quando eu ia dormir"

(Entrevista Mãe Maria 18/05/2013)

Castro (2012) refere que os pais que passam aos seus filhos os saberes dos contos, estão a mergulhá-los na voz da literatura, e a fomentar neles o prazer das palavras faladas.

Os pais, quando iniciam esta demanda de transmissão oral, põem em prática o seu instinto, o seu sentir mais profundo. A sua finalidade é proporcionar ao seu filho um momento de alegria e boa disposição.

Na entrevista ao pai Rui, é dada uma perspetiva relativamente à intuição dos pais na transmissão de um conto, quando lhe é perguntado se tem alguma intuição quando conta um conto popular: "Sim, porque quero proporcionar à minha filha um momento de lazer e boa disposição, e ao mesmo tempo, que ela aprenda também os mesmos contos para que um dia possa contar aos seus filhos".

Entrevista Pai Rui - 18/05/2013

A intuição, é algo que faz morada no nosso coração e no mais íntimo do nosso ser. É algo que não se pode dissociar do ser humano, mas que uns são capazes de a ter mais aprimorada. A intuição provém do sentir e, nesse sentido, os pais têm para com os

seus filhos um sexto sentido mais aperfeiçoado, conseguindo conhecê-los e decifrá-los, mesmo sem estes proferirem uma palavra.

Os contos são para a criança um tempo de descoberta de si própria e do mundo que a rodeia. Quando um pai conta uma história ao seu filho, provinda da sabedoria antigo, este age aplicando aquilo que sente. A escolha da narrativa vai recair naquilo que ele sente ser melhor para o seu filho, e não naquilo que acha que lhe dará mais conhecimento.

Primeiramente, o ser humano intui e só mais tarde age com intenção. Os contos populares têm a capacidade de levar as crianças para mundos imaginários que a vão fazer sonhar e, ao mesmo tempo, será um facilitador na resolução de conflitos interiores. Igualmente, a mãe Lisa reitera que a intuição utilizada na transmissão de um conto "pode tornar o meu filho mais desperto para o imaginário e para a própria leitura". (Entrevista Mãe Lisa - 16/5/2012)

Esta forma intuitiva no reconto dos contos, marca de uma forma muito positiva a vida da criança, ajudando-a a construir a sua personalidade, ajudando-a igualmente a encontrar um caminho para a sua vida. Perante esta afirmação, a mãe Rosa refere que através dos contos "encontrei, desde muito cedo, os princípios práticos para a vida". (Entrevista Mãe Rosa - 14/05/2013)

2. CATEGORIA B: A intencionalidade das educadoras na transmissão de contos populares às suas crianças.

Esta categoria procura analisar como os educadores utilizam a intencionalidade na transmissão dos contos populares.

Para Silva (1997), a intencionalidade é o processo educativo utilizado pelos educadores que marca a sua intervenção pedagógica. Assim, os educadores em todas as suas ações agem de uma forma pensada e refletida. As suas ações visam influenciar de uma forma positiva as aprendizagens feitas pelas crianças.

Quando foi colocada a pergunta: Tem alguma intencionalidade quando conta um conto popular?

"Transmitir valores e verdades antigas às novas gerações"

(Entrevista educadora Denise - 13/05/2013)

Os contos são uma fonte inesgotável de conhecimento. Através da sua reprodução, o educador, que acredita no seu potencial, pode utilizá-lo de uma forma intencional na articulação das diversas áreas de conteúdo. Como está descrito na nota de campo a seguir exposta, o educador poderá utilizar os contos como base para aprendizagens lúdicas, não se restringindo ao domínio da literatura e escrita:

Nesse dia de manhã, em conversa no tapete, disse às crianças que no dia a seguir iríamos fazer um passeio no qual íamos brincar no parque e depois íamos à descoberta de coisas mágicas. O Rafael, logo de seguida perguntou: "Magda, vamos ver onde está o lobo mau?". Eu respondi que sim, que podíamos tentar descobrir o lobo. Logo depois o R. disse "vamos ver que ele tem uma boca grande e uns olhos grande e umas orelhas grande. E Magda, o lobo também tem uns pés muito grandes". Logo de seguida a Maria. disse "Eu também quero ir ver onde mora o lobo". Eu disse: "O que acham de irmos todos juntos e amigos á procura do lobo?". Todos em grupo me responderam "Sim".

(N.C nº3 - 22/04/2013)

As aprendizagens que são realizadas pelas crianças através dos contos contribuem para que a criança se desenvolva de uma forma sadia e pensadora. Os contos vão revelar os conflitos e angústias pelos quais as crianças estão a passar de uma forma não penosa. São também um contributo para que a criança consiga encontrar uma solução positiva para os seus dissabores e respostas para as suas questões. Bettelheim (2011) refere que os contos têm a grande preocupação de abordar as angústias e dilemas existentes vivenciados pelas crianças.

A entrevistada Hulda refere que o objetivo da transmissão dos contos é que:

"as crianças retenham algo específico da história".

(Entrevista a educadora Hulda - 20/05/2013)

- **CATEGORIA C: Os contos como mediador das relações afetivas das crianças.**

Para que a criança cresça e se desenvolva ela precisa de se sentir amada e acarinhada. O amor é a fonte de alimentação da vida. Os afetos são os alicerces da personalidade.

É fundamental que a criança se sinta amada e acarinhada por aqueles que fazem parte da sua vida. Neste sentido, os adultos de referência têm o papel de educar a

criança baseados na palavra amor. Não obstante, o grupo de pares também tem uma função importante no campo dos afetos. A prova disso é a nota de campo que se segue:

“O Fernando e o Daniel estavam sentados o tapete a ouvir a história O Capuchinho Vermelho contada por mim. Quando chega a parte do lobo mau comer a avó, o Fernando começa a chorar e logo de seguida o Daniel, agarra-se a ele dando-lhe um abraço e diz "não tenhas medo, o lobo mau não faz mal"
(N.C nº1 - 10/06/2012)

Como já foi referido, os contos têm a incomensurável capacidade de serem passados de geração em geração e de serem o canal de transversalidade de conhecimentos e sentires. Os afetos são uma das áreas mais trabalhadas nos contos populares. Em todos se fala de amor e ódio etc.; no fundo, são sentires que, quer a criança queira quer não, acabam por transbordar do seu interior. Segundo a entrevista feita a Denise, esta refere que:

"a criança consegue identificar-se com a mensagem que está contida nos contos"
(Entrevista educadora Denise - 13/05/2013)

Os contos permitem que a criança passe por diferentes sensações identificando-se com as diversas personagens da narrativa. Bettelheim (2011) refere que o conto ajuda a criança a encontrar um sentido para o seu interior. Na sua entrevista, Carla reitera que:

"(...) as criança identificam-se com as personagens e vivenciam as histórias no seu imaginário"
(Entrevista educadora Carla - 16/06/2013)

A criança consegue ouvir uma narrativa e identificar-se com uma determinada personagem. Ela vai transpor para essa personagem tudo aquilo que sente; no entanto, é precisamente essa ação que vai fazer com que a criança seja capaz de encontrar um solução para o seu conflito interior. Na nota de campo que se segue está patente a identificação que a criança teve com as personagens da história perante as situação pela qual está a passar:

Na hora do tapete foi contada a história "A casinha de chocolate", todo o grupo ficou muito atento ao desenrolar da narrativa.

Depois do almoço, o grupo dirigiu-se para a sala onde se prepararam para dormir a sesta. Quando todos já estavam deitados e alguns mesmo a dormir, a S. começou a chorar. Dirigi-me junto da criança e perguntei o que se passava, ao que a criança respondeu que estava com saudades do seu pai. Eu tentei acalma-la e disse-lhe que tal como na história de João e Maria o seu pai irá

sempre gostar dela e que apesar de agora não estar ali presente está sempre no seu coração, disse também que o seu pai vai gostar dela para sempre.
(N.C. nº 2 - 05/05/2013)

16. Entrelaçando Conhecimentos

De seguida é tecido um entrelaçar entre as entrevistas realizadas e as notas de campo recolhidas.

Com as entrevistas feitas aos pais podem-se refletir sobre a intuição que todos eles empregam quando fazem a transmissão de contos populares aos seus filhos, não estando preocupada com a intencionalidade. Apesar de saberem que existem, a sua maior preocupação é a transmissão de sentires alegres e positivos para os seus filhos. Contrapondo este ponto de vista, os educadores, por seu lado, são muito mais intencionais do que intuitivos. Apenas duas das educadoras, a Olga e a Hulda referiram acreditar intuitivamente naquilo que pode acontecer quando se está a contar um conto popular. Das outras três educadoras, duas disseram que não utilizam a sua intuição e a última mencionou que pensa que sim.

A intuição é algo que habita dentro de nós, mas que, todavia, escolhemos ou não utilizar. Kant (2012), refere que todo o conhecimento humano começou com as intuições, passando conhecimentos e terminou com nas ideias. Assim, pode dizer-se que em todas as coisas somos movidos pelo que sentimos. É isso que nos impulsiona na busca de conhecimento que mais tarde, será executado com intencionalidade.

A intencionalidade é algo que não se poderá dissociar da prática educativa. O educador, de forma a transmitir à criança novas aprendizagens, utiliza uma articulação de conteúdos onde a intencionalidade está sempre presente. Seja qual for a atividade a desenvolver, mais lúdica ou mais formal, o educador tem sempre a intenção de passar para a criança um determinado conhecimento (Silva, 1997). Esta realidade é também aplicada à transmissão dos contos.

A criança desenvolve-se através das relações que vai construindo com os seus pares e com os adultos de referência. Os sentires e saberes dos pais e educadores são fundamentais, para que ela cresça e se desenvolva de uma forma sadia e feliz. A transmissão dos contos vai ter um papel de grande relevância no desenvolvimento intelectual e afetivo da criança. O conto valoriza a amizade e o amor pelo próximo. As narrativas populares encaixam afetos, são construtoras de histórias da vida real,

erguendo caminhos que levam a criança a ter um encontro com o seu "eu" e com os outros, de uma forma saudável. Os contos têm a capacidade de expressar com sensibilidade aquilo que muitas vezes, os adultos não são capazes de dizer (Sá, 2012)

Os afetos são essenciais para que a criança cresça de uma forma feliz. Assim, os contos são portadores de uma riqueza incomensurável, que está ao alcance de qualquer um. São também portadoras de respostas afetivas e transmissoras de valores que irão ajudar a criança a formar a sua personalidade de uma forma alicerçada e fundamentada (Bettelheim, 2011). Tal como está patente na nota de campo que se segue, os contos são o ponto de partida da interajuda e afetividade entre pares.

"O Fernando e o Daniel estavam sentados o tapete a ouvir a história O *Capuchinho Vermelho* contada por mim. Quando chega a parte do lobo mau comer a avó, o Fernando começa a chorar e logo de seguida, o Daniel, agarra-se a ele dando-lhe um abraço e diz "não tenhas medo, o lobo mau não faz mal"

NC nº2 (11/06/2013)

Quando falamos no contexto de sala de aula é rapidamente perceptível, pelas entrevistas recolhidas que os contos, sejam de autor ou populares, são ferramentas utilizadas pelas educadoras na sua prática pedagógica. Para a Olga, "os contos populares são o mote para uma diversidade de atividades, assim como uma importante ajuda para a criança começar a ter um sentido para o mundo, a resolver conflitos interiores, a por em ordem a contradição dos seus sentimentos".

Tanto pais, como educadores, acreditam que os contos populares são mediadores da aprendizagem das crianças. Rosa na sua entrevista, refere que os contos são também transmissores de valores que acabam por impactar a vida de uma criança.

Todas as aprendizagens são pedagógicas sejam elas intencionais ou não. O conto não é só utilizado como promotor da leitura e escrita, mas também pode e deve ser a base para qualquer outra área de conteúdo.

Nesse dia de manhã, em conversa no tapete, disse às crianças que no dia a seguir iríamos fazer um passeio no qual íamos brincar no parque e depois íamos à descoberta de coisas mágicas.

O R, logo de seguida perguntou: "Magda, vamos ver onde está o lobo mau?". Eu respondi que sim, que podíamos tentar descobrir o lobo. Logo depois o R. disse "vamos ver que ele tem uma boca grande e uns olhos grande e umas orelhas grande. E Magda, o lobo também tem uns pés muito grandes". Logo de seguida a M. disse "Eu também quero ir ver onde mora o lobo". Eu disse: "O que acham de irmos todos juntos e amigos á procura do lobo?". Todos em grupo me responderam "Sim".

NC nº3 (22/04/2013)

Através da nota de campo em cima descrita, é observável que foi através de um conto que as crianças partiram para novas aventuras e aprendizagens. As crianças

queriam ir à caça do lobo mau e criaram na sua imaginação uma imagem do lobo. Nesta situação os contos foram a ponte para a realização e aquisição de novos saberes.

17. Conclusão da análise dos dados

A recolhe de informação no período da revisão da literatura; as informações tecidas pelos pais e profissionais da educação e as notas de campo, ajudaram a traçar um percurso para a realização de uma investigação exequível.

O universo mágico e encantador dos contos populares, dá ao seu transmissor a possibilidade de fazer a escolha mais adequada ao universo do ouvidor, tecendo linhas que vão fomentar e promover a imaginação e a criatividade na criança.

As crianças que desde a sua meninice têm o privilégio de ter contacto com a riqueza; beleza e encantamento, irão ser adultos de grande riqueza espiritual.

Em jeito de conclusão, a presente análise de dados, patenteia a consciência que pais e educadores demonstraram na importância dos contos populares, como impulsionadores e favorecedores na área afetiva, no desenvolvimento e na aprendizagem em criança com idades entre os dois e os três anos.

Considerações Finais

Creio ter alcançado os objetivos a que me propus inicialmente. Consegui compreender que os pais são portadores de uma imensa intuição na transmissão dos contos populares; os educadores, por sua vez utilizam muito mais a intencionalidade na sua ação pedagógica. Foi também perceptível verificar que os contos são basilares nas relações que a criança estabelece com o adulto e com os pares.

Pude, igualmente, verificar que os pais são mais intuitivos e as educadoras mais internacionalizadas, porém surpreendentemente observei que as educadoras se esqueceram de intuir.

A metodologia utilizada neste relatório, foi a investigação qualitativa, que se fundamenta numa pequena amostra, não refletindo o real. Deste modo, apraz-me dizer que na sala rosa os contos são uma ferramenta utilizada tanto por pais como por educadores, no entanto, cada um utiliza as estratégias que entende, assim como atingindo objetivos distintos.

Relativamente à elaboração deste relatório, sobretudo na recolha de instrumentos de investigação, inicialmente pretendia fazer entrevistas semiestruturadas, mas cheguei à conclusão de que a análise de dados ficaria muito mais enriquecida com as notas de campo. Apesar de ter feito uma vasta recolha de notas de campo no meu campo de estágio, elas versavam sobre o jogo simbólico e não sobre a temática escolhida.

Enquanto educadora estagiária, acredito que esta pesquisa seja benéfica, não só para o educador, mas também, e consequentemente para as crianças. Quando o investigador - educadora estagiária, está a limitar o seu campo de ação, centralizando o seu trabalho naquelas crianças em particular, e naquela circunstância. De seguida, e creio que intuitivamente o investigador discorre e reflete sobre as atitudes e diálogos dos intervenientes, tentando entender a situação. Concludentemente, e porque o educador/investigador não pode ter o conhecimento de todas as teorias e ideias, o pesquisador investia, na procura de fundamentar as suas ideias, compreender as crianças e as suas atitudes naquela determinada situação. Seguidamente, o investigador terá de alterar a sua conduta e/ou, estimular as crianças a alterarem, igualmente os seus comportamentos.

Se imaginarmos estas situações várias vezes por dia, por semana, por mês, e como o papel do educador /professor será mais sólido, além de que as "suas" crianças serão, certamente, diferentes de outras, cujos educadores não sigam um modelo de investigação qualitativa.

Penso, portanto, que este paradigma de investigação qualitativa seja realmente importante para um educador/investigador, que não só inicia agora o seu trabalho, como para aquele que tem vários anos de experiência. Um educador/investigador deve estar em constante aprendizagem tendo a preocupação de internacionalizar a sua ação educativa; os pais que intuem de uma forma natural, ficaram a conhecer a preocupação intencionalizadora dos profissionais de educação, e vice-versa; e este processo de observação, investigação e atuação, é um bom meio para conhecer as crianças, os seus gostos, e naturalmente promover atividades em que o conto pode envolver várias áreas de conteúdo numa base de relação afetiva.

Bibliografia

Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação - Um guia prático e crítico*. Lisboa: ASA.

Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação - Um guia prático e crítico*. Lisboa: ASA.

Bastos, G. (1999). *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.

Bettelheim, B. (2011). *Psicanálise dos contos de fadas*. Lisboa: Bertrand Editora.

Bogdam, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Investigação - uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Cartro, R. (2012). *A Intuição Leitora, A Intenção Narrativa*. Lisboa: Gatafulho.

Carvalho, B. V. (1987). *A Literatura Infantil - Visão histórica e crítica*. São Paulo: Global Universitária.

Cavalcanti, J. (2004). *Caminhos da literatura Infantil e Juvenil. Dinâmicas e vivências pedagógicas*. São Paulo: Paulus.

Chevalier, J., & Gheerbrant, A. (2010). *Dicionário dos símbolos* (2ª ed.). Lisboa: Teorema.

Diniz, M. A. (2001). *As Fadas Não Foram à Escola* (3ª ed.). Porto: Edições Asa.

Duarte, J. (2009). *A luz da Cal ao Conto do Lume*. Lisboa: Colibri.

Góes, L. P. (1984). *Introdução à literatura Infantil e Juvenil*. São Paulo: Pioneira.

Guerreiro, M. V. (1983). *Para a história da literatura popular portuguesa*. Lisboa: ICALP.

Guerreiro, M. V. (1983). *Para a História Popular Portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

Jung, C. (2008). *O homem e os seus símbolos* (2ª Edição ed.). Brazil: Nova Fronteira.

Kant, E. (2012). *Observações sobre o Sentimento do Belo e do Sublime*. Lisboa : Edições 70.

- Lavill, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber - Manual de metodologia da pesquisa em ciencias humanas*. Porto Alegre: Artmed.
- Lopes, A. C. (1983). Literatura cultura e literatura tradicional de transmissão oral: A bipartição da esfera literário. *Caderno de Leitura nº15* , 43-55. Coimbra: Centro de Leitura Portuguesa da Universidade de Coimbra.
- Marques, P. C. (s.d.). *Era Uma Vez... Contos Populares para Ler ou Escutar*. Obtido em 04 de abril de 2013, de <http://www.prof2000.pt/users/cfaeca/nova%20pasta/oficina/sapo/Breve%20Hist%C3%B3ria%20do%20Conto%20Popular%20Portugu%C3%AAs.htm>
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-acção*. Porto: Porto Editora.
- O que é a intuição*. (março de 2006). Obtido em 01 de julho de 2013, de Super Interessante: <http://super.abril.com.br/cotidiano/intuicao-446302.shtml>
- Parafita, A. (1999). *A Comunicação e a Literatura Popular*. Lisboa: Plátano - Edições Técnicas.
- Parafita, A. (2001). *Antologia de Contos Populares* (Vol. 1). Lisboa: Platano Editora.
- Pascal, B. (2003). *Do espirito Geométrico e da Arte de Persuadir* . Porto: Porto Editora.
- Piaget, J. (1972). *Psicologia e Pedagogia* (2ª Edição ed.). Forence.
- Pires, M. d. (2005). *Pontes e Fronteiras: Da literatura tradicional à literatura contemporânea*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Propp, V. (1992). *Morfologia do Conto*. Lisboa: Vega/Universidade.
- Radino, G. (2003). *Contos de fadas e realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Reis, C., & Lopes, A. C. (1990). *Dicionário de Narratologia* (2ª Edição ed.). Coimbra: Livraria Almedina.
- Sá, E. (2012). *Más maneiras de sermos bons pais* . Alfragide: Leya.

Silva, M. I. (1997). Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar. In M. d. Educação. Lisboa: Ministério da Educação.

Silva, V. A. (1982). *Teoria da Literatura*. Lisboa: Edições Almedina.

Studzinsk, N. G., & Holzschuh, M. S. (01 de janeiro de 2012). *Psicologado Artigos*. Obtido em 29 de março de 2013, de <http://artigos.psicologado.com/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/contos-de-fada-e-o-desenvolvimento-infantil>

Traça, M. E. (1992). *FIO DA MEMÓRIA: Do conto Popular ao Conto para Crianças*. Porto: Porto Editora.

Tuckman, B. W. (2000). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.

Vygotsky. (1991). *Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes .

Anexos

Ao Deus da minha vida, ao Senhor do meu caminho, dedico este trabalho. Pedindo que me continue a guiar e a dar a sabedoria necessária para conseguir continuar neste grande caminhada em busca do saber.